

Uma Teoria Multifactorial da Notícia

Jorge Pedro Sousa¹

1. Introdução

À semelhança das ciências exactas e naturais, as ciências humanas e sociais devem procurar agregar os dados dispersos fornecidos pela pesquisa em teorias integradoras susceptíveis de explicar determinados fenómenos com base em leis gerais predictivas, mesmo que probabilísticas. As ciências da comunicação devem, assim, ultrapassar a sua condição de “disciplinas sérias”, como lhes chamou Debray², para assumir a sua cientificidade, como pretendia Moles (1972). Isto implica avançar para a enunciação de teorias sempre que os pesquisadores considerem que existem dados científicos e evidência suficientes. No campo do jornalismo, essa opção tem sido seguida por pesquisadores como Shomaker e Reese (1992), Sousa (2000; 2002) e mesmo Schudson (1988), contando, porém, com a oposição de autores como Traquina (2002) ou Viseu (2003).

1.1 Tendência “divisionista” para a explicação das notícias

Há autores que consideram que as explicações que têm sido avançadas para explicar os formatos e conteúdos das notícias são insuficientes para se edificar uma teoria do jornalismo e por vezes são também antagónicas e contraditórias. O mais referenciado defensor lusófono desta tese é, provavelmente, Nelson Traquina (2001; 2002). Para Traquina (2002: 73-129) há a considerar várias “teorias”: do espelho; da acção pessoal ou do *gatekeeper*; organizacional; acção política; estruturalista; construcionista; e interaccionista. As diferentes “teorias” expostas por Traquina, contudo, não têm fronteiras muito bem definidas. Há entre elas pontos de contacto, explicações comuns. Por exemplo, as rotinas são relevadas em várias delas. Usando os mesmos dados de Traquina, é possível tecer uma teia

explicativa global para as notícias - é uma questão de sistematizar esses dados. Este é um dos principais argumentos que sustenta as teses “unionistas”.

1.2 Tendência “unionista” para a explicação das notícias

Em 1988, Michael Schudson escreveu que as teorias unidimensionais não conseguem explicar as notícias. “As explicações para as notícias serem o que são só terão interesse se pressupomos que não é óbvio as notícias serem o que são. Se estivermos convencidos de que as notícias apenas espelham o mundo exterior ou que simplesmente imprimem os pontos de vista da classe dominante, nesse caso não é necessário mais nenhuma explicação.” (Schudson, 1988: 17) Por isso, para compreender as notícias, segundo Schudson (1988), há que conciliar várias explicações. Isoladas, essas explicações são insuficientes para explicar as notícias que temos e por que elas são como são, mas em conjunto revelam todo o seu poder explicativo:

a) Acção pessoal – As notícias são um produto das pessoas e das suas intenções.

b) Acção social – As notícias são um produto das organizações noticiosas, da sua forma de se adaptarem ao meio e dos seus constrangimentos, independentemente das intenções pessoais dos intervenientes no processo jornalístico de produção de informação.

c) Acção cultural – As notícias são um produto da cultura e dos limites do concebível que uma cultura impõe, independentemente das intenções pessoais e dos constrangimentos organizacionais.

Ao reconhecer as insuficiências das explicações unidimensionais e ao cruzar essas explicações para explicar por que é que as notícias são como são, Michael Schudson dá pistas para se alicerçar uma teoria unificada do jornalismo, no que diz respeito ao processo de produção de informação.

Por seu turno, ao estudar o processo de *gatekeeping* no jornalismo, Pamela Shoemaker (1991), baseada nos resultados de pesquisas anteriores, deu conta da existência de diversos factores que influenciavam esse processo. Esses factores foram agregados pela autora em quatro níveis de influência:

a) A um nível individual, o processo de *gatekeeping* é influenciado por modelos de pensamento, pela heurística cognitiva, por valores e características pessoais, pela concepção que os intervenientes no processo têm do seu papel social, etc.

b) Entre o nível individual e um terceiro nível, o processo é influenciado pelas rotinas produtivas;

c) A um nível organizacional, o processo de selecção e produção de informação é constrangido pelas características organizacionais (recursos, hierarquias, etc.), pelos processos organizacionais de socialização dos jornalistas e pelas dinâmicas próprias que a organização noticiosa estabelece com o meio;

d) A um nível social, institucional, extra-organizacional, o processo de *gatekeeping* é influenciado pelas fontes de informação, pelas audiências, pelos mercados, pelas entidades publicitárias, pelos poderes políticos, judiciais, etc., pelos lóbis, pelos serviços de relações públicas, por outros meios jornalísticos, etc.

Resumindo, ao explicar o processo de *gatekeeping* Pamela Shoemaker montou as bases para a edificação de uma teoria unificada capaz de explicar o processo jornalístico de produção de informação, com base na interacção de diferentes forças. Mais tarde, Pamela Shoemaker e Stephen Reese (1991; 1996) voltaram a essa temática, tendo complementado e aprofundado a explicação inicial de Shoemaker. Do trabalho de 1996, publicado sob a forma de livro (*Mediating the Message - Theories of Influences on Mass Media Content*), resultou a construção de uma teoria unificada dos conteúdos noticiosos, ligada, ademais, aos efeitos desses conteúdos. Tal como no livro *Gatekeeping* (1991), de Shoemaker, os autores de *Mediating the Message* estruturam a sua teoria da notícia em vários níveis de influência: a) influências dos trabalhadores dos *media*; b) influências das rotinas produtivas; c) influências

organizacionais; d) influências do meio externo às organizações noticiosas; e e) Influências ideológicas.

Conforme é notório, em relação ao trabalho de Shoemaker de 1991 os autores reconhecem a importância da ideologia como um factor capaz de influenciar o conteúdo das notícias. Agregando as ideias de Shoemaker e Reese às de Schudson, e tendo em conta as perspectivas “divisionistas” de Traquina (2001; 2002), é possível perceber que numa coisa os estudiosos do jornalismo estão de acordo: os resultados das pesquisas colocam em evidência que factores de natureza pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica e cultural enformam e constroem as notícias. Uma teoria unificada do jornalismo tem de partir desse património comum de conhecimento científico sobre jornalismo.

1.3 Circulação, consumo e efeitos das notícias

Uma teoria unificada do jornalismo e da notícia fica incompleta se não lhe for agregada a componente dos efeitos das notícias. Shoemaker e Reese (1991; 1996: 258-260), por exemplo, chamam a atenção para a necessidade de se interligarem os efeitos das notícias e as influências sobre os conteúdos noticiosos numa teoria unificada da notícia (ou do jornalismo). Os autores argumentam que é necessário conhecer os conteúdos das notícias para se perceberem os respectivos efeitos; e que só se percebem os efeitos quando se conhecem os conteúdos. Por outras palavras, pode-se dizer que a notícia apenas se esgota na sua fase de consumo, que é, precisamente, a fase em que produz efeitos. Além disso, Shoemaker e Reese (1991; 1996: 260) realçam que os efeitos das notícias sobre a sociedade, as instituições e os poderes podem, por sua vez, repercutir-se retroactivamente sobre os meios jornalísticos e, portanto, sobre as notícias e os seus conteúdos.

A concepção dos efeitos das notícias deve partir da teoria da dependência, pela primeira vez proposta por Ball-Rokeach e DeFleur (1976). Para estes autores, os meios de comunicação, nos quais se incluem os meios jornalísticos, são a principal fonte de informa-

ção que a sociedade tem sobre si mesma. São também os meios de comunicação os agentes mais relevantes para pôr em contacto os múltiplos subsistemas sociais. Assim, as pessoas, os grupos, as organizações e a sociedade em geral *dependem* dos meios de comunicação para se manterem informados e para receberem orientações relevantes para a vida quotidiana. Quanto mais uma sociedade está sujeita à instabilidade ou à mudança, mais as pessoas, os grupos e as organizações dependem da comunicação social para *compreenderem* o que acontece, *receberem orientações* e *saberem como agir*.

O modelo da dependência desenvolvido por Ball-Rokeach e DeFleur (1982; 1993) tem também a vantagem de sistematizar muito pertinentemente os efeitos da comunicação social e, portanto, das notícias. Esses efeitos circunscrevem-se a três categorias: efeitos cognitivos (teorias do agenda-setting, da tematização, da construção social da realidade, do cultivo, da socialização pelos *media*, do distanciamento social, da espiral do silêncio, etc.) efeitos afectivos (teoria dos usos e gratificações, etc.) e efeitos comportamentais (consequência dos outros dois tipos de efeitos). A grande vantagem desta sistematização é facultar a integração de diversas “teorias” dos efeitos nessas três grandes macro-categorias.

É necessário ter-se em consideração que quando se fala de efeitos das notícias se fala de efeitos possíveis ou mesmo prováveis a larga escala. No entanto, convém não ignorar que, em última análise, os efeitos de uma notícia são relativos, pois dependem de cada consumidor da mesma em particular³.

2. Notícia

Uma teoria científica tem de delimitar conceptualmente os fenómenos que explica e prevê. A teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação. Dito por outras palavras, a notícia é o fenómeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia.

É preciso também notar que o conceito de notícia tem uma dimensão que poderíamos classificar como tática e uma dimensão que poderíamos classificar como estratégica. A dimensão tática esgota-se na teoria dos géneros jornalísticos. Nessa dimensão, distingue-se notícia de outros géneros, como a entrevista ou a reportagem. Todavia, a dimensão estratégica encara a notícia como todo o enunciado jornalístico. Esta opção é aquela que interessa à teoria do jornalismo enquanto teoria que procura explicar as formas e os conteúdos do produto jornalístico.

Complementando uma definição de notícia dada por Sousa (2000; 2002), pode dizer-se que uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia.

A notícia é um *artefacto linguístico* porque é uma construção humana baseada na linguagem, seja ela verbal ou de outra natureza (como a linguagem das imagens). A notícia nasce da interacção entre a *realidade perceptível*, os *sentidos* que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a *mente* que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as *linguagens* que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo.

As notícias ocupam-se com as aparências dos fenómenos que ocorrem na realidade social e com as relações que aparentemente esses fenómenos estabelecem entre si. A notícia não espelha a realidade porque as limitações dos seres humanos e as insuficiências da linguagem o impedem⁴. Por isso, a notícia contenta-se em *representar*⁵ parcelas da realidade, independentemente da vontade do jornalista, da sua intenção de verdade e de factualidade. Essa representação é, antes de mais, *indiciática*⁶. A notícia indicia os aspectos da realidade que refere. Ao mesmo tempo, a notícia indicia as circunstâncias da sua produção. Ou seja, entre notícia, realidade e circunstâncias de produ-

ção há um vínculo de contiguidade. Mas a notícia pode também ter estabelecido relações de semelhança com a realidade que referencia. Por esse motivo, a notícia pode assumir igualmente uma dimensão icónica⁷, correspondente, aliás, à própria ambição de iconicidade dos jornalistas que a produzem, ou seja, à vontade de o enunciado produzido (notícia) ser semelhante à realidade enunciada.

Vários factores interferem na construção da notícia. A natureza indiciática da notícia, ou seja, o facto de na notícia estarem indicadas as circunstâncias da sua produção, permite determinar esses factores, nos quais se devem basear as explicações que se dão para explicar por que temos as notícias que temos e por que as notícias são como são. Na teoria unificada do jornalismo que neste texto se sustenta, esses factores podem ser de *natureza pessoal, social, ideológica, histórica* e do *meio físico e tecnológico*.

Uma teoria do jornalismo deve ocupar-se unicamente da *notícia enquanto fenómeno jornalístico*, isto é, deve ocupar-se dos enunciados que são produzidos por *jornalistas credenciados* e que são veiculados em *espaços jornalísticos* por *meios jornalísticos*⁸.

A notícia comporta informação com *sentido compreensível* num determinado *momento histórico* e num determinado *meio sócio-cultural*. Se dentro de um contexto um determinado facto emerge da superfície plana da realidade, sendo percebido como notável e, portanto, como um acontecimento digno de se tornar notícia (Rodrigues, 1988), noutra contexto esse mesmo facto pode passar despercebido por não ter um enquadramento que permita observá-lo como um facto notável, ou seja, como um acontecimento⁹.

Finalmente, a notícia só se esgota no momento do seu *consumo*, já que é nesse momento que ela produz efeitos e passa a fazer parte dos referentes da realidade. Esses referentes são a parte da realidade que formam a imagem que os sujeitos constroem da realidade. Por isso, a construção de sentido para uma notícia depende da interacção perceptiva, cognoscitiva e até afectiva que os sujeitos com ela estabelecem¹⁰.

3. A Teoria Multifactorial da Notícia (como Teoria do Jornalismo)

Uma teoria do jornalismo deve partir da observação de que há notícias jornalísticas¹¹ e de que estas têm efeitos. Em resultado desta evidência, uma teoria do jornalismo deve centrar-se no produto jornalístico -a notícia jornalística, explicando como surge, como se difunde e quais os efeitos que gera. Em suma, a teoria do jornalismo deve consubstancializar-se como uma teoria da notícia e responder a duas questões: a) Por que é que as notícias são como são e por que é que temos as notícias que temos (circulação)? b) Quais os efeitos que as notícias geram?

Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser universal, deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve atentar no que une e é constante e não no que é accidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer.

Os resultados das pesquisas realizadas no campo dos estudos jornalísticos permitem perceber que (1) a notícia jornalística é o produto da interacção histórica e presente (*sincrética*) de forças *pessoais, sociais (organizacionais e extra-organizacionais), ideológicas, culturais, históricas e do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção* e através dos quais são difundidas; e (2) que as notícias têm efeitos *cognitivos, afectivos e comportamentais* sobre as pessoas e, através delas, sobre as sociedades, as ideologias, as culturas e as civilizações.

Matematicamente, a teoria pode traduzir-se por três equações multifactoriais interligadas, daí que a teoria aqui expressa possa denominar-se Teoria Multifactorial da Notícia. A matematização permite identificar, delimitar, agrupar, sistematizar e sintetizar quer (1) os macrovectores estruturantes das notícias, ou seja, as forças em que se integram todos os microfactors que geram e conformam as notícias, quer (2) os macrovectores estruturantes dos efeitos das notícias, ou seja, os macro-efeitos onde se

podem integrar todas as modificações observáveis que as notícias provocam ou podem provocar nas pessoas e através destas nas sociedades e nas civilizações.

A matematização não escamoteia a complexidade dos factores que impulsionam e direccionam a construção das notícias nem a complexidade dos efeitos das mesmas. A matematização permite apenas explicitar os macrovectores estruturantes da construção das notícias e dos seus efeitos. A linearidade das equações ajuda a clarificar o processo. Porém, como mostram as equações, os processos equacionados são complexos, pois a notícia e os seus efeitos aparecem como um produto de múltiplos factores, que interferem nesses processos de forma variável.

A Teoria Multifactorial da Notícia pode, então, ser traduzida nas seguintes equações interligadas:

$$N =$$

$$f(aFp.bR.cFso.dFseo.eFi.fFc.gFh.hFmf.iFdt)$$

$$E(AC_1C_2)_N =$$

$$g(jNf.kNc.lP.mCm.nCf.oCs.pCi.qCc.rCh)$$

$$E_{sic}_N =$$

$$h(sNf.tNc.u(P_1.P_2...P_n).vCm.wCf.xCs.yCi.zCc.±Ch)$$

3.1 Primeira equação

A primeira equação do sistema mostra que a **notícia (N)** é função de várias forças, segundo os resultados das pesquisas que têm vindo a ser produzidas sobre o campo jornalístico (Sousa, 2000; Sousa, 2003; Traquina, 2003; Shoemaker e Reese, 1991, 1996, etc.), a saber:

- **Força pessoal (Fp)** – As notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e dos actores que nela e sobre ela intervêm.

- **Rotinas (R)** – As notícias resultam parcialmente das rotinas dos seus autores, normalmente consubstanciadas em práticas profissionais e organizacionais.

- **Força social** – As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social (**força social extra-organizacional - Fseo**) e do meio organizacional em

que foram construídas e fabricadas (**força sócio-organizacional - Fso**).

- **Força ideológica (Fi)** – As notícias são originadas por conjuntos de ideias que moldam processos sociais, proporcionam referentes comuns e dão coesão aos grupos, normalmente em função de interesses, mesmo quando esses interesses não são conscientes e assumidos.

- **Força cultural (Fc)** – As notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência).

- **Força do meio físico (Fmf)** – As notícias dependem do meio físico em que são fabricadas.

- **Força dos dispositivos tecnológicos (Fdt)** – As notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabrico e difusão.

- **Força histórica (Fh)** – As notícias são um produto da história, durante a qual agiram as restantes forças que enformam as notícias que existem no presente. A história proporciona os formatos, as maneiras de narrar e descrever, os meios de produção e difusão, etc.; o presente fornece o referente que sustenta o conteúdo e as circunstâncias actuais de produção. Ao ser simultaneamente histórica e presente, a notícia é *sincrética*.

Há ainda a considerar que as diferentes forças que se fazem sentir sobre as notícias não têm sempre o mesmo grau de influência na construção das mesmas. Daí que subsista a necessidade se introduzirem variáveis que dêem conta dessa variabilidade do grau de influência dos factores. Assim, todos os factores da primeira equação do sistema são antecidos por uma variável (*a* a *i*).

3.2 Segunda equação

A segunda equação do sistema evidencia que, a nível pessoal, os **efeitos afectivos (A)**, **cognitivos (C₁)** e **comportamentais (C₂) de uma notícia (E_N)** variam em função das seguintes variáveis:

- **Notícia** – Os efeitos de uma notícia dependem da própria notícia. Atendendo a que cada notícia tem um formato e um

conteúdo, influenciando ambos o processo de percepção, recepção e integração da mensagem, então a variável notícia deve segmentar-se em duas variáveis, o

formato da notícia (Nf) e o **conteúdo da notícia (Nc)**.

- **Pessoa (P)** – Os efeitos de uma notícia dependem da pessoa que a consome, da capacidade perceptiva dos seus sentidos, da sua estrutura mental, da sua personalidade, da sua experiência, da sua mundividência, da sua mundividência, etc.

- **Circunstâncias (C)** – Os efeitos da notícia dependem das **circunstâncias (C)** da pessoa que a recebe. As circunstâncias que rodeiam a pessoa respeitam ao **meio em que a notícia é difundida (Cm)**, às **condições físicas da recepção (Cf)**, à **sociedade (Cs)**, à **ideologia (Ci)**, à **cultura (Cc)** e à própria **história (Ch)**.

As notícias nem sempre provocam efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais de idêntica grandeza e os factores de que esses efeitos dependem podem ter diferentes pesos, consoante a notícia. Por isso, também na segunda equação é necessário introduzirem-se variáveis. Em consequência, os factores expressos na segunda equação são antecidos por uma variável (j a r), a

exemplo do que sucede na primeira equação.

3.3 Terceira equação

A terceira equação mostra que os efeitos **sociais, ideológicos e culturais** de uma notícia (**Esic_N**) variam em função dos mesmos factores da segunda equação, embora haja que contar com a interacção entre as pessoas (**P₁.P₂. ... P_n**).

Do mesmo modo que para as equações anteriores, a dimensão os efeitos sociais, ideológicos e culturais depende da força relativa de cada um dos factores da função h , pelo que cada um deles é antecido por uma variável (s a z e \pm).

4. Considerações finais

Em síntese, retoma-se a ideia original: é possível, com os dados já obtidos nos estudos jornalísticos, construir uma teoria unificada da notícia e dos seus efeitos, obedecendo aos critérios que devem ser tidos em conta quando se propõe uma teoria científica: clareza, brevidade, capacidade de previsão. Quando uma notícia vier a contradizer a teoria, será, então, altura de rever a teoria e, eventualmente, de a substituir.

Bibliografia

Ball-Rokeach, S. J. e DeFleur, M. J., A dependency model of mass media effects. *Communication Research*, 3(1): 3-21, 1976.

Ball-Rokeach, S. J. e DeFleur, M. J., *Teorías de la Comunicación de Masas*, Barcelona: Paidós, 1982.

Ball-Rokeach, S. J. e DeFleur, M. J., *Teorías de la Comunicación de Masas*, 2ª edición revisada y ampliada, Barcelona, Paidós, 1993.

Rodrigues, A. D., O acontecimento, *Comunicação e Linguagens*, 8: 9-15, 1988.

Schudson, M., Porque é que as notícias são como são? *Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27, 1988.

Shoemaker, P., *Gatekeeping*, Newbury Park, Sage Publications, 1991.

Sousa, J. P., *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1997.

Sousa, J. P., *As Notícias e os Seus Efeitos*, Coimbra, Minerva Editora, 2000.

Sousa, J. P., *Teorias da Notícia e do Jornalismo*, Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2002.

Sousa, J. P., *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

Traquina, N., As notícias, *Comunicação e Linguagens*, 8: 29-40, 1988.

Traquina, N., As notícias, in **TRAQUINA, N. (Org.)**, *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*, Lisboa, Vega, 1993.

Traquina, N., *O Estudo do Jornalismo no Século XX*, São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2001.

Traquina, N., *Jornalismo*. Lisboa, Quimera, 2002.

Traquina, N. (Org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*, Lisboa, Vega, 1993.

¹ Universidade Fernando Pessoa

² Entrevista a Régis Debray, conduzida por Adelino Gomes e publicada no suplemento *Mil Folhas* do jornal *Público*, a 23 de Novembro de 2002.

³ Para uma mais completa argumentação, consultar Sousa (2000) ou Sousa (2003).

⁴ Para uma melhor compreensão deste fenómeno, consulte-se a tese doutoral de José Rodrigues dos Santos (2001).

⁵ Alguns semióticos dizem mesmo *simular*.

⁶ Recorre-se aqui à clássica divisão dos signos estabelecida por Peirce.

⁷ Também pode funcionar como símbolo, mas esta discussão já transcende os objectivos da presente definição de notícia.

⁸ Para efeitos deste artigo, é estéril debater as fronteiras do jornalismo, o que é e não é jornalismo, quem é e quem não é jornalista, o que é ou não é um meio jornalístico.

⁹ Para sustentação e aprofundamento deste argumento, consulte-se Sousa (2000; 2002).

¹⁰ Para sustentação e aprofundamento deste argumento, consulte-se Sousa (2000; 2002).

¹¹ Ou seja, há notícias produzidas pelo sistema jornalístico a partir de referentes reais.